

# LINGUASAGEM

## O INDÍGENA NO YOUTUBE – REPRESENTAÇÕES DE SI E DO(S) OUTRO(S) EM TEMPOS DE CRISE PANDÊMICA – COVID-19

Lucas Rodrigues Lopes<sup>1</sup>

Éderson Luís Silveira<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo busca descrever e interpretar o processo de produção de sentidos em enunciados constituídos e formulados pelo discurso midiático, na *Revista Veja*, cujo enfoque tem sido como a pandemia faz renascer um receio que diz respeito à fragilidade da saúde indígena. Assim, consideramos as contribuições da Análise do Discurso, conforme propostas por Pêcheux (2009) e Orlandi (1995, 2000, 2001, 2007), que compreendem sujeito e sentido como constituintes de um mesmo processo histórico, entendendo que o que é enunciado sobre a nova ameaça da COVID-19 aos indígenas, de modo simultâneo, produzem sentidos e sujeitos dessas práticas discursivas. Nos apontamentos de uma análise discursiva, contamos com quatro recortes discursivos do Youtube na plataforma *vejapontocom*.

**Palavras-chave:** Indígenas; Representação; Discurso; COVID-19; Youtube.

### Abstract

This paper seeks to describe and interpret the process of production of meanings in utterances constituted and formulated by the media discourse, in *Veja Magazine*, whose focus has been how the pandemic makes a fear that concerns the fragility of indigenous health reborn. Thus, we consider the contributions of Discourse Analysis, as proposed by Pêcheux (2009) and Orlandi ((1995, 2000, 2001, 2007), who understand subject and meaning as constituents of the same historical process, understanding that what is said about the new COVID-19 threat to indigenous people, simultaneously, produces the meanings and the subjects of these discursive practices. In the discourse analysis notes, we have four YouTube clippings on platform viewpoint.

**Keywords:** Indigenous; Representation; Discourse; COVID-19; YouTube.

---

<sup>1</sup>Doutor em Linguística Aplicada, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa - Linguagens, Culturas e Identidades, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2018). Atualmente, é professor do curso de Letras - Inglês na Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário do Tocantins/Cametá, membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Letras - Inglês e pesquisador do Grupo de Estudos do Discurso, Sentido, Sociedade e Linguagem (DISENSOL) (CNPq/UFPA). [identidadesfragmentadas@gmail.com](mailto:identidadesfragmentadas@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; Membro e pesquisador do Grupo Formação de Professores de Línguas e Literatura (FORPROL/CNPq) e do Grupo Michel Foucault e os Estudos Discursivos (UFAM/ CNPq). [ediliteratus@gmail.com](mailto:ediliteratus@gmail.com)

## Introdução

Veja é uma revista brasileira com distribuição semanal pela editora Abril, tendo sido criada em 1968 pelo jornalista Roberto Civita. O enfoque das publicações se dá em temas diversos, cuja abrangência é nacional e internacional. A revista apresenta temas de variados estratos englobando questões políticas, culturais, econômicas. A tiragem, segundo o site [www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br), ultrapassa um milhão de cópias, sendo a revista de maior circulação do país.

Diante dessas considerações, é significativo refletir sobre as condições de produção discursiva da Veja. Para Pêcheux (1999), as condições de produção de discurso trazem à tona os lugares sociais, as condições de força, as tensões entre os já-ditos e os a-dizer e tomadas de posição do sujeito. Nesse sentido, Orlandi (2001, p. 16) discute que a análise de discurso não toma a linguagem como sistema abstrato. Pelo contrário, ela contempla, entre outras coisas, os “processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer”.

Sendo assim, ao analista do discurso cabe a tarefa de vasculhar regularidades da linguagem em sua produção. Dessa maneira, é estabelecida uma relação com a exterioridade. Com base nos estudos de Orlandi (1997), uma análise discursiva se produz quando é considerado um conjunto de ferramentas, entre as quais as condições de produção do discurso. Portanto, levando em consideração sujeitos e situações em que as postagens aconteceram na página do YouTube vinculada à revista mencionada, torna-se necessário pensar sobre os atravessamentos discursivos produzidos sócio, histórico e ideologicamente.

A Veja, diante de um cenário politicamente instaurado e de crise pandêmica, tem se definido como um periódico de “informações confiáveis”, bem como “vital para tempos de incerteza”. Além disso, diante de uma análise discursiva, apontamos para uma representação asseverada pela era da informação. Essa faceta pode ser materializada pelos dizeres “Não fique desinformado”, “Leia conteúdos semanais exclusivos, onde você estiver” e “Conteúdo de Qualidade, Conteúdo Exclusivo e Seu Conteúdo Exclusivo”. Sobre isso, é relevante discutir a representação do leitor da revista Veja. Isso porque ao construir representações para si, opera-se uma valoração de leitores e leitoras que a consomem. O uso do verbo no imperativo instaura uma ordem discursiva, como se

emergisse um exercício mandatório, capturado pelos usos verbais, como, por exemplo, “leia”, “não fique desinformado”, acompanhado pela construção “conteúdo de qualidade”, “conteúdo exclusivo” e “seu conteúdo. Dessa construção discursiva, conforme mencionado anteriormente, emerge um retrato do leitor de Veja, e também vemos surgir um olhar distintivo que tramita entre ser “de qualidade” e “exclusivo”, como se a leitura perpassasse o corpo para a constituição, retomando o já dito: preciso ler para ser. Também, torna-se oportuno às condições de produção do discurso midiático o uso do pronome possessivo “seu”, já que instaura o efeito de sentido de pertencimento, como se o conteúdo tivesse sido desenhado e escrito exclusivamente para seu leitor.

A publicação, a partir da plataforma *vejapontocom*, tem construído um saber sobre o que os indígenas estão enfrentando e esses discursos sobre a crise pandêmica – COVID-19 produzem efeitos de sentido, já que o lugar de onde os indígenas e o(s) outro(s) estão regula os sentidos, fazendo uso da linguagem diante do poder de dizer e, concomitantemente, do jogo que esse poder constitui. Em se tratando dos 4 recortes discursivos (RDs), que serão apresentados posteriormente neste texto, veiculados pela *Veja*, no YouTube, na plataforma *vejapontocom*, vemos que os dizeres são construídos com base nas condições socio-históricas e ideológicas. Orlandi (2001, p. 31) insta-nos que, considerando as condições de produção do discurso, “torna-se possível todo dizer que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito e que está na base do dizível”.

Desse modo, é possível operacionalizar com a noção de memória discursiva, em outras palavras, atribuímos, ao “já-dito”, sentidos instituídos com o passar do tempo e que surgem reinscritos. Por conta disso, aponta-se que os “já-ditos” são materializados pré-construídos, retomando saberes e vozes, apropriados pelos sujeitos, que fazem deles objetos de seu discurso. Vale destacar que, no fio do discurso do sujeito, aquilo que ele considera seu apresenta inserção de discursos-outros, provenientes de outras formações discursivas, transportando consigo outros dizeres. Sobre as formações discursivas, Pêcheux (2011, p. 73) postula que elas “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma dada posição numa dada conjuntura”.

À vista disso, pode-se dizer que analisar discursos em um momento histórico é evidenciar que o “[...] ponto de partida, já se sabe, que não é o homem, o sujeito, a atividade humana etc., mas, ainda uma vez, as condições ideológicas da reprodução /transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 2009, p. 168). Dessa maneira, pretendemos investigar como a pandemia do novo coronavírus faz renascer um receio

antigo que escancara a fragilidade da saúde indígena. Para isso, faremos, recorrendo à metodologia e aos conceitos da análise do discurso, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e seus colaboradores, tecer gestos de análises por meio do batimento entre descrição e interpretação das representações dos (e sobre os) indígenas em meio à crise pandêmica. Passemos, de fato, às análises.

### **Apontamentos de uma análise discursiva – O indígena nas malhas discursivas do YouTube – Representações de si e do(s) outro(s)**

O YouTube <https://www.youtube.com> tem se estabelecido como expressivo aliado à construção narrativa, uma vez que se apropria do slogan “*Broadcast yourself*”, isto é, “Você mesmo transmite” ou “Você mesmo se televisa”, faceta bem pertinente a uma plataforma de compartilhamento de vídeos, que impele ao argumento da liberdade do sujeito, que passa a ser produtor de conteúdos na plataforma, e não mais mediado por algum outro. Assim, qualquer um pode criar, (re) produzir e inscrever-se nesse lugar. Ainda, nessa esteira de narrar a si mesmo e ser narrado, vemos algumas estratégias discursivas serem empregadas. A plataforma busca legitimação por meio do discurso da inclusão, já que, na seção “valores”, se apropria dos seguintes dizeres “Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo”. Como analistas do discurso, ocorre-nos a observância ao efeito totalizante e homogeneizante, sinalizada pelo uso do pronome indefinido “todos”, cujo efeito de sentido estiliza a condição e o discurso da inclusão na contemporaneidade.

Por fim, apontamos uma estratégia midiática por meio da qual a Veja se apropria para fortalecer o modo de representação das minorias mesmo em tempos de pandemia. Empreendendo uma análise discursiva dos dizeres da empresa norte-americana, conseguimos capturar flashes discursivos da relação do propósito discursivo da Veja com o que a plataforma americana YouTube preza. Essa faceta é materializada na missão do Youtube que é apresentada nas seguintes palavras: “Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio de nossas histórias”. Já a revista Veja – tanto física quanto virtual – instaura uma cisão entre quem pode noticiar e quem deve ler: se as informações precisam ser disseminadas, a revista se apresenta como portal de confiabilidade, com “informações confiáveis”, bem como “vital para tempos de incerteza”. Na Veja, leitores e leitoras são convidados a se informar, a ler conteúdos semanais exclusivos, a consumir “Conteúdo de

Qualidade, Conteúdo Exclusivo e Seu Conteúdo Exclusivo”. Assim, embora ambas as plataformas virtuais se apresentem na aproximação de uma suposta intencionalidade de veicular informações e produzir conteúdo, há regras mais restritas na Veja sobre quem produz esse tipo de conteúdo, que, diferente do Youtube, não pode ser toda e qualquer pessoa. O funcionamento de ambas se aproxima, no momento em que apresentam conteúdos veiculados online, e também se distancia, quando a Veja é produzida somente para assinantes e o Youtube para qualquer pessoa que tenha internet.

No entanto, quando a revista Veja adentra a plataforma do Youtube, construindo o site *vejapontocom*, mesmo que continue com jornalistas e comentaristas específicos que produzem conteúdo midiático de acesso livre, ainda se distingue do próprio Youtube, onde a circulação de informações pode ser produzida por qualquer pessoa: a abertura da plataforma virtual para que qualquer pessoa se torne produtora de conteúdos possibilita, também, a reafirmação do lugar de “veiculação de informações confiáveis” que a revista produz para os assinantes, abrindo-se para uma comunidade de leitores mais ampla, ainda que via produção de vídeos, diferente da circulação de notícias predominantemente escritas que caracteriza o conteúdo produzido para assinantes estritos. Ou seja, ao mesmo tempo em que *vejapontocom* – uma página do Youtube – se aproxima do funcionamento geral da plataforma, na qual qualquer pessoa pode produzir conteúdos, Veja também funciona a partir de uma especificidade: há um grupo de pessoas que são autorizadas a informar, mesmo no espaço de circulação aberta como o Youtube, não mais restrito aos assinantes, num espaço de mediação específico para produzir o efeito de confiabilidade: bem na lógica de que nem todo mundo apresenta conteúdos “confiáveis”.

Observemos o Recorte Discursivo 1 (RD1)<sup>3</sup>, extraído da fala de uma técnica de Enfermagem indígena:

#### **Recorte Discursivo 1 (RD1)**

A nossa comunidade tem seis anos de existência, de resistência e de muita luta aqui. De 700 famílias, hoje, são 40 pessoas, que eu tenho monitorado com esses sintomas. Dessas 40, 5 tiveram agravos respiratórios. A gente teve uma situação aqui na nossa comunidade de precisar de uma ambulância, o SAMU, e, assim, no momento em que fiz a ligação, identificando a comunidade indígena, que a paciente era indígena, a atendente me falou: “Quem cuida da saúde indígena é a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena)” Tive de levá-la à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) às 8h e pedir que fosse identificado em seu prontuário como indígena e sua etnia. Porque é

<sup>3</sup> Os RDs utilizados para análise foram extraídos do endereço disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ENo0KMk7m8c&t=219s>

importante sabermos quantos indígenas estão sendo afetados pela COVID-19 bem como aqueles que estão sendo mortos. A internação dos indígenas em um hospital de grande complexidade apresenta embates. O alimento, muitas vezes, preparado, ele não come. Além da questão linguística também, né? Muitos parentes só falam sua língua materna, e, quando chegam para esses hospitais, você não tem comunicação.

A partir do RD1, vemos entrar em funcionamento a noção de interdiscurso. Orlandi (2001, p. 31) discute que o conceito de memória, quando trabalhada na relação com o discurso, é abordado como interdiscurso. Isso pode ser visto quando uma técnica de enfermagem na aldeia Tuxaua Tururukari – Uka constrói sua narrativa com base nas palavras “existência”, “resistência” e “luta”. Por meio do uso da palavra “existência”, a profissional da área da saúde revela o embate contra a COVID-19, pois instaura um olhar no campo do sentido, que aponta para um exercício de sobrevivência, que rememora o “conservar sua forma”, “perdurar apesar dos anos” e “não ser abolido”.

A ordem em que as palavras são apresentadas também aponta para uma continuidade atravessada por embates e conflitos com a exterioridade: primeiro, a comunidade existe, depois, para continuar existindo, ela resiste, já que há inúmeras dificuldades que ameaçam a sobrevivência de seus membros; então, só a resistência não basta, e é preciso lutar, o que remete a ações efetivas que façam perdurar sua existência. A apresentação das palavras, portanto, não é aleatória. Diante do risco de um dos membros, o exemplo mencionado no RD1 é de que houve apenas um “esclarecimento” acerca da secretaria que cuida dos indígenas – sem direcionamento de ambulância para a comunidade ou transposição da ligação para a outra secretaria -, o que fez com que houvesse mobilização para a UPA mais próxima. Outro fator interessante é a descrição da etnia no prontuário de atendimento, o que produz um efeito de identificação, de (re) afirmação de comunidade, de pertencimento a um coletivo que existe e se justifica na singularidade de sua existência.

Vemos também que ter recorrido à palavra “resistência” fez com que os dizeres da enfermeira indígena operassem em dois campos de sentido. Isso é um alerta que pode nos servir à reflexão. Um deles efetua-se no campo da recusa à submissão ou vontade de outrem. O outro, na visão patológica, considera a capacidade de um agente patológico de se opor à ação de um medicamento. Por fim, o uso da palavra “luta” produz efeitos de sentido relacionados a visões que ora apontam para o combate em que dois (ou mais) adversários se enfrentam ora para o esforço em superar, para vencer obstáculos ou dificuldades.

Também, a partir do RD1, vemos que nossos dizeres são atravessados por visões socio, histórico e ideologicamente constituídas, como aponta Orlandi (1987, p. 11) “As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras”. Essa particularidade pode ser evidenciada pelos dizeres da atendente do hospital “Quem cuida da saúde indígena é a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena)”. Ao atribuir o cuidado médico à SESAI, ela isenta todos os outros serviços de saúde pública da responsabilidade e do cuidado com a vida indígena. Além disso, tal fala produz um efeito de (re) afirmação de um exercício de silenciamento da voz da comunidade indígena, que funciona em condição subalterna, já que, nos dizeres da técnica de enfermagem, vimos operar o campo da “luta”, da “resistência” e da “existência”.

Enfim, em “[p]orque é importante sabermos quantos indígenas estão sendo afetados pela COVID-19 bem como aqueles que estão sendo mortos” identificamos um deslize de sentido e atravessamentos discursivos com algumas representações peculiares. Em um de seus primeiros comentários públicos sobre a COVID-19, Jair Messias Bolsonaro disse que a imprensa exagerava sobre sua gravidade. "Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus", disse o presidente em evento em Miami no dia 9 de março. Contrária ao discurso do presidente, a fala da profissional de saúde entende que é necessário perceber o avanço da doença no âmbito da população indígena para que possa maximizar as formas de controle e não disseminação do vírus. Para ela, não se trata de “apenas uma gripezinha”, mas de uma patologia de efeitos devastadores.

Neste momento, vejamos o que diz um cirurgião cardiovascular no Recorte Discursivo 2 (RD2):

**Recorte Discursivo 2 (RD2)**

O nível de atenção é básico, né? Eles não têm formação para atender pacientes críticos, né? Você lidar com saúde indígena é delicado, porque você mexe com a cultura, com as raízes, que não são convencionais. Nós mesmos, profissionais da saúde, não fomos preparados para tal abordagem.

Considerando os estudos de Telles (2013, p.73), aprendemos que as ideias que carregamos sobre nós mesmos, sobre a sociedade e sobre os outros são constituídas quando ainda somos crianças. Sendo assim, vemos, no RD2, uma produção de discursividades que atravessa a história, a ideologia, a memória e as condições de

produção. Vemos que a representação que o cardiologista mobiliza acerca da comunidade indígena oscila entre os saberes populares e científicos.

Essa faceta pode ser evidenciada quando traz à baila a fragilidade tamponada pelo uso do adjetivo “delicado” em detrimento de difícil abordagem, já que considera os aspectos culturais e raízes não convencionais. Isso pode ser vislumbrado, quando diz “O nível de atenção é básico, né?”. Ter feito o uso do adjetivo “básico” instaura o efeito de sentido que desestabiliza o funcionamento discursivo da medicina indígena, cujas orientações têm a qualidade de acalmar, de abrandar temporariamente um mal.

O uso da palavra “convencional” também produz um efeito de diferenciação: ao mobilizar tal expressão ocorre a mobilização de um tipo de discursivização acerca de métodos da medicina tradicional não ritualística, mas farmacêutica e da medicina ocidental em relação ao uso de técnicas diferentes daquelas utilizadas pelos indígenas em seus rituais. O estranhamento ganha contornos de confissão quando o cirurgião vai mencionar a falta de preparo e se inclui no grupo dos que não foram preparados para lidar com esse tipo de situação (de acolhimento hospitalar de indígenas): “não fomos preparados para tal abordagem”. O interessante nessa escolha lexical é que ao filiar-se a uma multidão de profissionais cuja preparação é insuficiente<sup>4</sup>, ele fala também de um problema maior: a insuficiência e as lacunas dos sistemas de saúde nacionais em relação à questão indígena. Então, seu discurso não apenas estabelece uma distinção entre saberes ocidentais e saberes indígenas, mas entre os povos que coadunam o trânsito em espaços similares de atendimento. Não é apenas uma divisão cultural que entra em choque no atendimento a povos de tribos tradicionais, mas também a própria forma de refletir acerca do exercício da profissão e a impotência de não haver sido instrumentalizado para tal em circunstâncias específicas e singulares.

Consideremos, neste momento, outro recorte discursivo 3 (RD3) no qual o enunciador apresenta diferenças entre povos indígenas e ocidentais e também conflitos e disparidades de existência entre ambos:

### **Recorte Discursivo 3 (RD3)**

---

<sup>4</sup> O sujeito discursivo nunca fala “por si”, não é fonte ou origem do dizer. De uma perspectiva discursiva como a que estamos adotando, ele revela um lugar sociohistoricamente marcado, quando fala de si, não é somente de si que está se referindo e suas ideias ou formulações não são somente suas, mas atravessadas pelo imaginário social e coletivamente construído e pela memória que o constitui enquanto ser social.

A cama é substituída pela rede. O arroz com feijão pelo peixe com farinha. Não é por frescura! Todo esse desafio vivenciado por esses povos se dá numa região que tem a maior população indígena, é onde se tem a maior diversidade de povos de nosso país, aqui se encontram os povos mais isolados, os que estão em recente contato, é tudo nessa região. Mesmo diante de uma realidade tão visível, há uma invisibilidade muito grande.

Com base nos estudos de Certeau (1998, p. 17), vemos que o cotidiano é representado como um espaço de práticas sociais. Em referência ao RD3, percebemos que a comunidade indígena é vista por meio do uso e do consumo que os sujeitos indígenas fazem de determinados elementos simbólicos. No trecho “A cama é substituída pela rede” e “O arroz com feijão pelo peixe com farinha”, os dizeres de um líder indígena mostram de que modo as relações entre diferentes sujeitos, em tempos de crise pandêmica – COVID-19, podem servir para limitar os espaços de atuação, uma vez que os costumes e hábitos indígenas diferem daqueles vivenciados por outras etnias ou grupos sociais. Com isso, a partir do que historiador francês discute, entendemos que a “estratégia ou manipulação postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaça” (CERTEAU, 1998, p. 17).

No que diz respeito à noção de território, conceito bastante emergente no RD3, com base nos estudos de Roncayolo (2015, p. 31), entendemos que “todo território tem relação com o poder”. Essa particularidade fica bem evidente nos dizeres do membro da aldeia Tuxaua Tururukari – Uka, uma vez que atribui à Amazônia um espaço de vivências e experiências individuais e múltiplas. Observamos um entrelaçamento dos sujeitos da região com o território, buscando visibilidade por meio das relações sociais, costumes e de tradições. Discursivamente, se tem a produção de enunciados que revelam a existência de um aglomerado de elementos e práticas visíveis, num lugar em que os indígenas constituem um aglomerado organizado e marcadamente populacional da região. Dessa forma, “a maior diversidade de povos de nosso país” também é lugar de invisibilidade. “Mesmo diante de uma realidade tão visível, há uma invisibilidade muito grande”, diz o enunciado final do RD3. Mais do que a oposição entre o visível e o invisível se destaca a produção do efeito de sentido acerca de algo que “não se quer enxergar”. A invisibilidade é marcada por um lugar de subalternidade relegado aos povos indígenas que não se diferem dos povos ocidentais por substituir alimentos (“[a] cama é substituída pela rede. O arroz com feijão pelo peixe com farinha. Não é por frescura!”), mas por manterem

costumes e tradições e sofrerem com a discriminação e a falta de assistência (isso se for pensar no RD3 com os anteriores, por exemplo).

Por fim, vejamos o que é dito por um membro de uma fundação indígena no Recorte Discursivo 4 (RD4):

**Recorte Discursivo 4 (RD4)**

O estado geral dessas comunidades não está no radar das prioridades do Brasil como um todo. Porque é uma população dispersa, poucos votos, custa caro. Eu fico um pouco preocupado no sentido de piorarem, né? E não ter muito o que fazer. Porque os sistemas estão extremamente lotados. Não sei se vai ter lugar para a gente. Eu não tenho medo da morte assim, né? Acho que nenhum parente tem medo da morte. O medo que eu tenho é de morrer com essa identidade negada. Porque há uma luta de mais 520 anos para que se reconheçam nossas identidades, se respeitem nossa cultura. E morrer, neste momento, não tendo essa identidade reconhecida, para mim, me dói bem mais que a própria morte.

A partir dos estudos de Fernandes (2018), compreendemos a constituição do sujeito com base na pluralidade de inter-relações, uma vez que, considerando instâncias sociais ímpares, é emergente a identidade atestada pela heterogeneidade, oriunda de diferentes traços ideológicos, sociais e históricos, sinalizados por (trans) formações e deslocamentos.

Sendo assim, considerando esse olhar discursivo sobre a noção de identidade e, no RD4, vemos emergir uma representação bastante atual da comunidade indígena, pautado no contexto político – “uma população dispersa”, de “poucos votos” e que “custa caro”. Significativo à nossa análise é o uso da palavra “dispersa”, pois faz funcionar, num primeiro momento, o efeito de sentido sobre “aquilo que se dispersou”, “espalhado” ou ainda “separado”. Entretanto, nesse sentido, vale refletir sobre outra faceta, cuja direção está no campo daquilo que seria “fora da ordem” e “desarrumado”. Isso pode ser evidenciado pelas próprias palavras do membro da fundação indígena - “O estado geral dessas comunidades não está no radar das prioridades do Brasil como um todo”. Tais expressões não produzem apenas o efeito de especificar os povos indígenas, mas produzem o efeito de apresentar uma espécie de inventário da irrelevância que foi sendo disseminado e reproduzido na memória social acerca desses povos. O discurso utilitarista, de ganho de votos, que impõe a linguagem daquilo que é produtivo, subalterniza, exclui e marginaliza. Quando reproduzido, produz o efeito de reforçar ou problematizar tal posicionamento.

Ainda, tomando o RD4, conseguimos pensar a relação identidade e diferença, já que construção delas perpassam sistemas discursivos e simbólicos. A esse respeito, Silva (2014, p.76) destaca que “[a] identidade e a diferença não podem ser compreendidas [...] fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido”. Essa particularidade pode ser evidenciada em enunciados como “Não sei se vai ter lugar para a gente” ou em “O medo que eu tenho é de morrer com essa identidade negada” e em “Porque há uma luta de mais 520 anos para que se reconheçam nossas identidades, se respeitem nossa cultura”, uma vez que vemos a representação identitária como um constructo cultural, sendo uma fabricação com base nas relações culturais e sociais emergentes.

Mas não se pode esquecer que há também a questão da exotização: o olhar do outro que circunscreve a forma como se dão as identificações e desidentificações sobre determinada cultura permitem o reforço à subalternização ou o estranhamento e o tom de denúncia, o engajamento discursivo, que, nesse caso, pode ser notado no uso da expressão “Eu fico um pouco preocupado no sentido de piorarem, né?”. Essa frase mostra um efeito de engajamento e também de diferenciação, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito que enuncia demonstra preocupação com o estado dos povos indígenas que não são sadios, também se coloca num lugar de diferença: a preocupação não é no sentido de “nós piorarmos”, mas de “eles piorarem”. Isso demonstra que o lugar de quem enuncia é diferente daquele ocupado pelos indígenas doentes. Por isso, mesmo que se trate de um membro de uma fundação indígena, ele se diferencia no sentido de ter condições de existência diferente daqueles sobre quem ele enuncia. A identificação com o outro se dá na medida em que, ao invés de reforçar a exotização, se reafirma um espaço de respeito ao pertencimento cultural compartilhado entre saudáveis e doentes, filiando-se a discursos de manutenção da existência daqueles que, ainda que sejam diferentes (e frágeis), precisam continuar existindo.

### **Breves considerações para um efeito de fechamento**

Há diversos modos de representar midiaticamente indígenas nos meios de comunicação. Nas postagens extraídas do *vejapontocom* há um esforço, dado o contexto político enfrentado por todos nós, emergente de uma estratégia discursiva, que nos impele a crer que “informações confiáveis são vitais para tempos de incerteza”. Entretanto, como analistas do discurso, percebemos que, como aborda Baccega (1998, p.45)

[...] a língua, evidentemente, é produto de toda sociedade, de todas as classes sociais, de todos os homens, no decurso de várias gerações. Ela

é resultado e base da práxis, a qual compreende a realidade e homem, o conhecimento da realidade e sua constante modificação. A linguagem, permanentemente, revela e mascara essa realidade.

Desse modo, por meio da análise discursiva dos e sobre os povos indígenas, em meio a uma crise pandêmica, vemos que as representações de si apontam para o “conservar sua forma”, “perdurar apesar dos anos” e “não ser abolido”. Diante disso, pudemos perceber que, conforme destaca Orlandi (2000), que a leitura é um processo complexo que não se resolve no imediatismo do ato da decodificação de signos: “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (ORLANDI, 2000, p. 11). Sendo assim, buscamos mostrar que as representações indígenas de si e do(s) outro(s) pertencem a uma multiplicidade de práticas e discursivizações, cuja construção de sentido sobre eles funciona ora relegando-os a uma condição subalterna ora problematizando a subalternidade a partir de um teor de denúncia e revelação de um lugar de exotividade do qual fazem parte. Para isso, levamos em conta as condições de produção do discurso. Dessa forma, vimos que a representação do(s) outro(s) caracteriza-se com base no que bem aponta Baccega (1995, p. 22):

O indivíduo resulta, portanto de vários discursos; é paciente de uma pesada carga social, que atua ditatorialmente sobre cada um. Mesmo assim a subjetividade é única, carrega os traços da especificidade do ser que reelabora essa carga e do universo a que ele pertence.

## REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2018.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípio e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2001. ORLANDI, Eni Puccinelli. O inteligível, o interpretável, e o compreensível. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, E. T. da. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, n.1, p. 47,1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nem escritor, nem sujeito: autor. **Leitura: teoria e prática**, n. 9, p. 13-7, jun/1987.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.

RONCAYOLO, M. Cidade. In: EINAUDI. **Enciclopédia Einaudi**, v. 8. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2015.

SILVA, Tomaz. Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz. Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TELLES, Norma. A imagem do índio no livro didático: equivocada, enganadora. In: Silva, Araci Lopes da. (Org.) **A Questão Indígena na Sala de Aula**: subsídios para professores São Paulo: Brasiliense, 2013.

Submetido em: 19/10/2020

Aprovado em: 21/03/2022

### Como referenciar este artigo:

LOPES, Lucas Rodrigues. SILVEIRA, Éderson Luís. O Indígena no Youtube – Representações de si e do(s) outro(s) em tempos de crise pandêmica – COVID-19. **revista Linguagem**, São Carlos, v.41, COVID-19: uma pandemia sob o olhar da linguagem. 2022 p. 1-13.